



Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 43 - Ano V - Belo Horizonte, Março de 2015

Qual a composição dos produtos?

Pesquisadora da UFMG relaciona alérgenos presentes em produtos dermatológicos comercializados no Brasil. Lista, disponível online, pode ser acessada por dermatologistas para facilitar a prescrição e atender melhor pacientes com alergias.

Página 3



PESQUISA

Declarações de óbito influenciam óbitos evitáveis

5

VOLTA ÀS AULAS

Confira os destaques e novidades de 2015

6

FONOAUDIOLOGIA

Bebês reconhecem som do nome

7

Chegamos ao mês de março de 2015 comemorando cinco anos de existência. Nesse tempo, foram 43 edições de divulgação de pesquisas e estudos, entrevistas, dicas e acontecimentos da Faculdade de Medicina da UFMG levados para além do campus Saúde da UFMG. Aos colegas, parceiros, leitores e colaboradores, nosso muito obrigado.

Na matéria de capa da primeira edição deste ano, conheça o projeto desenvolvido na Faculdade que busca facilitar a prescrição de produtos brasileiros por dermatologistas, melhorando o atendimento a pacientes alérgicos.

Outra pesquisa revela que o melhor preenchimento das declarações de óbitos de bebês pode ajudar a evitar outras mortes. Na área de fonoaudiologia, uma descoberta: bebês de quatro meses já reconhecem seus nomes chamados pelos pais. Nesta edição, entrevista com especialista traz ainda uma análise e projeções para o Sistema Único de Saúde.

Este mês a Faculdade recebeu ainda 400 novos alunos dos três cursos de graduação. Confira recomendações dos coordenadores dos cursos a estudantes. Conheça também a campanha #mudehoje, que busca a racionalização do uso da água e energia na Faculdade.

Boa Leitura!

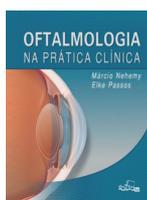
Publicações



A assistência social pública na interface entre subjetividade e política

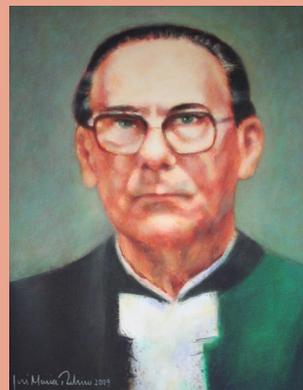
A obra, que conta com a participação da professora Cristiane de Freitas Cunha, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG, mostra os resultados do trabalho de capacitação das equipes técnicas de atendimento e do fortalecimento das ações voltadas para adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de Belo Horizonte.

Editora Scriptum.



Oftalmologia na Prática Clínica

O livro é editado pelo professor do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da UFMG, Márcio Nehemy e pela oftalmologista Elke Passo. Traz informações sobre o espectro das doenças oculares e das principais causas de cegueira, de forma que generalistas e estudantes de medicina possam reconhecê-las e tratá-las. **Editora Follium.**



Homenagem

No dia 16 de março comemora-se o centenário do professor José Henrique Godoy da Matta Machado, do Departamento do Aparelho Locomotor da Faculdade de Medicina da UFMG. Matta Machado formou-se na Universidade Federal de Minas Gerais, à época Universidade de Minas Gerais, estudou ortopedia nos Estados Unidos e retornou a Belo Horizonte, onde foi pioneiro na área.

Criou a primeira residência da sua especialidade em Minas Gerais, no Hospital da Baleia. Na UFMG, atuou como professor da Faculdade de Medicina e foi chefe do Serviço de Ortopedia do Hospital das Clínicas. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia na década de 60. Matta Machado trabalhou como professor até sua aposentadoria compulsória em 1985, aos 70 anos. Mesmo aposentado, continuou a atender em sua clínica privada e no Hospital da Baleia, até seu falecimento em 8 de janeiro de 2002.

Segundo o chefe do Departamento do Aparelho Locomotor da Faculdade de Medicina, Marco Antonio Percope, que foi aluno de Matta Machado, o professor precisa ser enaltecido pela visão humanística da Medicina. “Nós, seus alunos, fomos brindados com lições de como ser um verdadeiro médico. O que nos era trazido como mensagem sempre foi como se relacionar e respeitar o paciente”, relembra.

Leia mais sobre o centenário de Matta Machado em: medicina.ufmg.br

Venha explorar novas ondas

Receba o programa de rádio **Saúde com Ciência** em seu smartphone, envie a frase "quero receber" pelo WhatsApp, número (31) 8576-0326. A cada semana um tema e a cada dia uma abordagem diferente.

Saúde com Ciência, o programa que transmite saúde.



Expediente

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Diretor: Professor Tarcizo Afonso Nunes – **Vice-Diretor:** Professor Humberto José Alves **Coordenador da Assessoria de Comunicação Social:** Gilberto Boaventura (MG 04961JP) – **Edição:** Mariana Pires – **Redação:** Jornalista: Larissa Rodrigues **Estagiários:** Débora Nunes, Deborah Castro, Karen Costa, Karla Scarmigliat e Rayza Kamke. **Projeto Gráfico:** Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. **Diagramação:** Luiz Romaniello – **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 2000 exemplares – **Circulação mensal** **Endereço:** Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 - térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – **Telefone:** (31) 3409-9651 – **Internet:** www.medicina.ufmg.br; facebook.com/medicinaufmgoficial; www.twitter.com/medicinaufmg e jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

Dermatologistas contam com banco de dados brasileiro de produtos dermatológicos

A lista foi criada com o objetivo de facilitar a atuação do profissional, principalmente para atender melhor os pacientes com alergias

Deborah Castro

Em sua experiência profissional, na hora de prescrever, a dermatologista Vanessa Barreto Rocha percebeu a dificuldade em verificar se o produto dermatológico continha alérgenos, substâncias que causam alergia, relacionadas aos veículos dos produtos. Para facilitar a atuação dos profissionais da área, ela criou o primeiro banco de dados de todos esses tipos de produtos comercializados no Brasil, chamado de Programa para Pesquisa de Alérgenos de Contato (PPAC). Este foi o principal resultado da sua dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto da Faculdade de Medicina da UFMG.

“Quando tínhamos que prescrever para um paciente alérgico era preciso consultar o rótulo dos produtos, o que não havia na internet e, nem mesmo os livros, continham todos. Então, era preciso mandar manipular o medicamento”, relata Vanessa. Ela ainda esclarece que, apesar de já existir uma lista nos Estados Unidos, por exemplo, a listagem dos produtos vendidos no mercado nacional é necessária porque eles se diferenciam de país para país.

Concepção

A sistematização do banco de dados começou em 2009, quando Vanessa teve a ideia de juntar as bulas dos produtos farmacêuticos que recebia de amostra grátis dos laboratórios e separá-los por classe. Em 2012 o banco foi disponi-

lizado através do link www.ppac.com.br para todos os dermatologistas. O acesso ainda é restrito devido ao patrocínio da Sociedade Brasileira de Dermatologia, regional Minas Gerais, na manutenção do site, mas a autora relata o objetivo de ampliá-lo para toda a sociedade.

A lista, com mais de 900 produtos dermatológicos presentes no mercado brasileiro, foi dividida em cosmecêuticos, hidratantes, sabonetes e loções de limpeza, xampus, medicamentos tópicos “de marca” e genéricos, medicamentos injetáveis e protetores solares. Ela relaciona todos os componentes do produto que podem causar alergia, de acordo com os 21 alérgenos considerados como os principais causadores da doença. “No Brasil, usamos uma bateria de teste de contato com 40 substâncias. Dessas, selecionamos as relacionadas aos cosméticos e veículos dermatológicos, e mais duas de relevância que não existem no teste daqui”, informa Vanessa. À medida que vai recebendo novos produtos, a lista é atualizada.

Outros resultados

Além do PPAC, a dissertação apresentou uma análise sobre a presença de alérgenos nos produtos dermatológicos. Do total, 88% apresentaram algum dos alérgenos. A média foi de 2,89 por produto. A classe com maior número de alérgenos foi a de protetores solares, e o alérgeno mais frequente foi a fragrância, presente em 61,5% dos produtos.



88% dos produtos analisados apresentaram algum dos alérgenos.

Segundo Vanessa, quando uma pessoa vai usar um produto dermatológico, como uma pomada para uma pele inflamada, o que se espera é que o produto não cause alergia, tendo em vista que a pele já está com um problema. “A média de quase três alérgenos por produto é significativa no sentido de que o paciente está passando um produto que pode complicar o problema ao invés de solucioná-lo”, argumenta.

Ela também comenta que quase 90% dos produtos apresentam algum alérgeno, o que afeta principalmente os médicos na hora de prescreverem algum produto dermatológico. “Prescrevemos através do princípio ativo e às vezes esquecemos dos outros componentes de um respectivo produto. Então,

se o paciente for alérgico a um componente, o programa irá facilitar muito para o médico prescrever com esta atenção”, salienta. Vanessa afirma que o PPAC promove melhor atendimento porque possibilita, inclusive, o cruzamento de informações e, assim, permite ao médico encontrar o medicamento correto.

As consequências positivas do banco de dados são garantidas por Vanessa por experiência própria. “Houve um paciente que estava usando um protetor solar para melhorar uma alergia no rosto e descobrimos que era o protetor que estava piorando a doença por conter um componente com o qual ele não podia ter contato, por ser alérgico. Há outros inúmeros exemplos de como a lista ajudou”, declarou.

Título: Prevalência de alérgenos nos produtos dermatológicos brasileiros

Nível: Mestrado

Autora: Vanessa Barreto Rocha

Orientadora: Flávia Vasques Bittencourt

Coorientadora: Carla Jorge Machado

Programa: Saúde do Adulto

Defesa: 16 de dezembro de 2014

Metas de 2015: Financiamento da Saúde como prioridade

Economia da Saúde é um tema fundamental em vários aspectos, como na prestação do serviço de saúde quanto na própria clínica

Deborah Castro

Economia da Saúde é um tema fundamental em vários aspectos, da prestação do serviço de saúde à própria clínica. É o que declara a economista Eli Iola Gurgel, professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG. Também coordenadora do grupo de Economia da Saúde da UFMG, Eli comenta pontos da agenda da Saúde de 2015 e a nova gestão do país.

Ela ressalta a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) como um dos mais importantes setores da atividade econômica no Brasil, que vem investindo na formação dos profissionais com apoio das universidades e do Ministério da Educação em todos os níveis, da graduação à especialização. “Formar pessoas para atuar no sistema público nos dá a dimensão da importância do SUS”, relata Eli.

Qual o atual panorama da luta pelo investimento mínimo de 10% da receita para a Saúde?

As entidades de defesa do sistema público de saúde fizeram um movimento de cobrar pelo menos o que seria equivalente ao investimento dos municípios e estados. Foi feita uma emenda popular com mais de dois milhões de assinaturas, mas o Congresso a desconhece. Para agravar a situação, está na agenda uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) em que a responsabilidade federal se resume a um escalonamento de 10% a 18% da renda corrente líquida. Resumidamente, o

valor de três anos seria de apenas 64 bilhões, enquanto a nossa proposta é de 200 bilhões de reais. Esta é uma diferença muito grande, ainda mais para o SUS, que precisa de um plano de investimento importante e está cada vez mais dependente da compra de leitos do setor privado.

Quais outras mudanças são necessárias para tornar o SUS um sistema mais eficaz?

Olhando as experiências de outros países, é fundamental a estruturação de um sistema nacional de Atenção Primária (APS) de qualidade. A APS bem organizada resolve 85% dos problemas de saúde. Do restante, parte vai para a Atenção Secundária e apenas 1% vai para a Atenção de Alta Complexidade. Estamos no caminho, com mais de 30 equipes multiprofissionais com cobertura de 50% da população. É preciso que os profissionais sejam bem remunerados e tenham plano de carreira definido dentro do SUS.

Quais os principais benefícios oriundos das ações de Saúde baseadas na universalidade, equidade, integralidade e controle social?

O sistema público é uma grande conquista da Constituição de 1988, por isso precisamos juntar forças e mobilizar a sociedade para que esse direito não seja quebrado, como é a intenção de vários segmentos hoje no Brasil. Antes do SUS existia o Sistema Previdenciário, no qual apenas



Ilustração: Ju Guimarães

as pessoas com carteira assinada tinham assistência médica. Isso dá uma amostra do salto na qualidade, cidadania e na expansão dos direitos que veio com o SUS. Hoje, todos podem procurar um centro de saúde perto da sua casa com a consciência do direito que tem e é essa a primeira grande conquista do povo brasileiro.

Quais os temas mais importantes a serem debatidos durante a 15ª Conferência Nacional de Saúde este ano?

É preciso sensibilizar para a necessidade da mudança na organização e na política de financiamento do Sistema. Estamos esperando que, com os Conselhos de Saúde do país, consigamos uma mobilização tão importante quanto foi a 8ª Conferência Nacional, que resultou na criação do SUS. Hoje há um consenso entre as unidades que defendem um sistema público de saúde da direção que devemos ter para enfrentar os problemas. Também discutimos a respeito da inovação

tecnológica, a formação profissional e a necessidade de projetos novos para que os profissionais sintam-se motivados a participarem por toda sua vida de um sistema público.

A nova gestão já sinalizou para a priorização de alguma área?

Há o artigo 143 da Medida Provisória 656/2014, recentemente sancionado, que permite investimentos estrangeiros nos serviços de saúde. Este acontecimento é muito sério porque fortalece a iniciativa privada e enfraquece o SUS. Eu esperava que a nova gestão assumisse o SUS como principal proposta de Saúde para o povo brasileiro mas, depois de sancionar essa lei, não acho que isso está claro. É necessário que a presidenta mostre ações concretas. A principal oportunidade está na votação sobre a definição dos 10% da receita corrente bruta ou líquida para financiar a Saúde.

Óbitos infantis devem ser investigados para melhoria de políticas públicas

Preenchimento incorreto das declarações de óbito altera estatísticas e pode prejudicar ações contra mortalidade infantil

Karen Costa

Acada quatro óbitos infantis registrados em Belo Horizonte, entre 2010 e 2011, um era potencialmente evitável. As ocorrências são registradas por meio das declarações de óbito, que trazem detalhes dos determinantes e da sequência de eventos que levaram ao óbito. “E mesmo os óbitos ocorrendo predominantemente em hospitais, essas declarações estão sendo mal preenchidas, o que cria um perfil muito diferente da situação real”, alerta a autora da pesquisa defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, Simone Passos de Castro e Santos.

Visando caracterizar o perfil da mortalidade infantil em BH, a pesquisadora analisou 149 óbitos infantis potencialmente evitáveis, notificados no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) nos anos de 2010 e 2011.

Para o estudo, Simone construiu uma nova declaração de óbito de cada caso selecionado, baseada nos dados dos formulários de investigação e sem conhecimento prévio da declaração original. A investigação foi realizada pelo Comitê de Prevenção de Óbitos Materno, Fetal e Infantil BH Vida/SMS (Cpomfi), onde ela é epidemiologista, e que tem como função analisar os determinantes dos óbitos infantis, fetais e maternos, potencialmente evitáveis e traçar um perfil dessas mortes.

A investigação tem três etapas: entrevista domiciliar, com a mãe; levantamento de dados ambulatoriais e entrevista hospitalar,



Parte de óbitos evitáveis apontam problemas no pré-natal

com informações do prontuário no local de óbito ou nascimento. Com essas informações é construído um novo histórico e, sem conhecimento da declaração original, um médico capacitado faz outro atestado com os novos dados obtidos.

Mudanças de perfil

Quando confrontadas as declarações originais e as declarações refeitas, constatou-se que o perfil da mortalidade infantil mudou muito. Causas externas e asfixia/hipóxia, por exemplo, que antes encabeçavam a lista das causas dos óbitos, foram substituídas por asfixia/hipóxia e fatores maternos.

Segundo a autora, quando as causas dos óbitos são declaradas de forma errônea ou incompleta, a análise da mortalidade infantil fica prejudicada e, consequentemente, o planejamento e a gestão de saúde também. “Temos um problema hoje com a qualidade do pré-natal, por exemplo. Se não são listados óbitos por fatores maternos, a gestão diminui o foco nesta questão”, conta.

Entre óbitos investigados, fatores maternos, como infecção do trato uri-

nário e problemas gestacionais, que deveriam ter sido diagnosticados e tratados no pré-natal, levaram ao comprometimento da saúde do bebê. Outros grupos de causas de óbito foram infecções da criança, principalmente diarreias infecciosas e pneumonia, infecções perinatais, causas externas e a Síndrome da Morte Súbita na infância. “O grande percentual de óbitos por causas potencialmente evitáveis apontam problemas no acesso e na qualidade da assistência no pré-natal, parto e à criança”, opina.

Qualidade e importância da informação

Um dos desafios apontados pelo estudo é a qualificação dos dados e das informações do SIM, principalmente em relação ao correto preenchimento da sequência de even-

tos que levou ao óbito. “A Secretaria de Saúde, o Ministério da Saúde e o Conselho Regional de Medicina já fazem um trabalho com os médicos e estudantes de medicina, para o adequado preenchimento das declarações, mas isso não tem sido suficiente para a precisão das informações. É necessário capacitar e reforçar a importância desses dados”, ressalta Simone.

Para a estudiosa, é preciso também investir na constituição dos Comitês de Prevenção de Óbito e instituir o Serviço de Verificação de Óbito. “A declaração de óbito é uma grande ferramenta epidemiológica que, adequadamente trabalhada, é importante para decisão por parte dos gestores e profissionais de saúde na implementação de políticas públicas”, conclui.

Título: “Óbitos infantis potencialmente evitáveis em Belo Horizonte: análise de concordância da causa básica, 2010-2011”

Nível: Mestrado

Autora: Simone Passos de Castro e Santos

Orientadora: Sônia Lansky

Coorientadora: Elizabeth Barboza França

Programa: Promoção da Saúde e Prevenção da Violência

Defesa: 14 de agosto de 2014

Orientações e novidades na volta às aulas

Cursos de graduação recebem calouros e veteranos com orientações sobre as novidades para este semestre

Rayza Kamke

Aluno de Medicina é protagonista em novo currículo

A principal orientação aos alunos do curso de Medicina é referente às novidades do currículo. Aprovada em 2013, a nova grade curricular entrou em vigor no segundo semestre de 2014, e ainda gera dúvidas entre alunos e professores.

Segundo a professora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia e coordenadora do curso de Medicina, Alamanda Kfoury, o grande diferencial são as disciplinas novas, que tem o intuito de inserir o aluno precocemente nos campos de prática. “O novo currículo tem o objetivo de dar um conteúdo maior de urgência e emergência, de ética, de prática na atenção primária, então a gente sempre reforça esses dados”, explica.

No currículo, além do aumento na carga horária, os alunos também ganham flexibilidade para fazer outras atividades de disciplinas optativas e Atividades Complementares Geradoras de Crédito (ACGC). “A orientação que a gente tem que dar ao estudante é que ele inicie ou retorne com muita atenção, com muita vontade de estudar. O Colegiado do curso tem feito grandes esforços para ampliar os campos de prática para o aluno, ciente de que ele é o protagonista do seu estudo”, informou a coordenadora.

Para Alamanda, esse esforço é uma mudança de paradigma do professor para o aluno. “As diretrizes estão aí, o currículo novo já foi aprovado e implantado, mas continua sendo novidade para todos. Uma mudança de comportamento não é imediata. Então, na medida em que a pessoa considera como uma novidade, ela vai procurar se inteirar e mudar o seu comportamento”, sugestiona.

Novidades em Tecnologia em Radiologia

Iniciada no semestre passado, a disciplina optativa Tópicos em Tecnologia em Radiologia Odontológica do curso de Tecnologia em Radiologia continua sendo novidade para os estudantes. “O objetivo da disciplina é atender a demanda dos alunos, não só pelos créditos optativos, mas para dar uma visão geral do que seria a tecnologia em radiologia no foco da radiologia odontológica”, afirmou o subcoordenador e professor do curso de Tecnologia em Radiologia, Rodrigo Modesto Gadelha.

De acordo com o professor, para que não prejudique ou comprometa o aprendizado dos alunos, neste semestre, a

disciplina, que é aplicada nas sextas feiras, das 19h às 20h40, terá limitação de vagas, já que a procura foi muito grande no último semestre.

Outro ponto de destaque do curso é a grande adesão dos alunos ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). “Ainda que seja obrigatório, eles estão se comprometendo com os prazos e as apresentações, que são públicas, e tem tido grande adesão, tanto dos veteranos quanto dos calouros. Isso é um ponto positivo e acaba aguçando a curiosidade e o interesse pelo trabalho científico, não só o trabalho teórico e prático”, reiterou o professor.

Foto: Bruna Carvalho



Calouros do curso de Medicina

Atenção para oportunidades da Fono

“Para calouros ou veteranos, a principal orientação do Colegiado do curso de Fonoaudiologia é que, desde o começo, façam um semestre produtivo”, apontou a coordenadora e professora do curso de Fonoaudiologia da UFMG, Letícia Caldas. Para a professora, os alunos precisam ficar atentos aos projetos e oportunidades de bolsas e cursos, sempre se informando pela página oficial da Faculdade de Medicina da UFMG ou por avisos internos da coordenação.

Segundo a coordenadora, é importante que os alunos entendam que a carreira é iniciada durante a formação, e não após o processo. “Que eles façam cursos, que se mantenham antenados, informados, olhando a graduação como a formação de sua carreira. E que saibam que nós estamos sempre aqui para ajudar”.

Para acompanhar os avisos dos colegiados dos cursos acesse sempre a página do Centro de Graduação da Faculdade de Medicina da UFMG: medicina.ufmg.br/cegrad

Bebês reconhecem som do nome aos quatro meses

Pesquisa desenvolvida em programa de pós-graduação conclui que bebês reconhecem quando são chamados antes do tempo anteriormente estimado

Karla Scarmigliat

Estudo da Faculdade de Medicina da UFMG revela que aos quatro meses de idade as crianças já são capazes de olhar para os pais quando estão sendo chamadas, reconhecendo o som do nome. O resultado da pesquisa reduz em dois meses a idade de percepção auditiva identificada em estudo anterior, também realizado pela Faculdade de Medicina da UFMG.

A percepção da língua materna é importante para aquisição da linguagem, marca do desenvolvimento infantil, e para a formação da identidade. “O reconhecimento do próprio nome auxilia a compreensão e o conhecimento de outras palavras”, esclarece a autora da pesquisa, a fonoaudióloga Patrícia Reis Ferreira.

Segundo a pesquisadora, a partir da constatação desse marco para a percepção auditiva é possível obter mais informações sobre a condição da criança, de forma a identificar possíveis transtornos no desenvolvimento. “Com isso, o especialista poderá iniciar tratamento mais precocemente, o que contribuirá para melhores resultados”, avalia a fonoaudióloga.

Linguagem

O estudo foi elaborado a partir de prontuários cadastrados na Triagem Auditiva Neonatal Universal, popularmente conhecida como “teste da orelhinha”, do Hospital das Clínicas da UFMG. Dos 436 prontuários analisados, 30 responderam a todos os critérios de inclusão.

Foram excluídos os prontuários de crianças que não passaram no teste auditivo, que tinham comprometimento neurológico ou visual, que o telefone dos pais não estava registrado ou que eram prematuras.

Da mesma forma, crianças com nome composto e as que recebiam apelidos não foram incluídas na pesquisa. “Esses fatores podem dificultar o reconhecimento, uma vez que o modo como os adultos a chamam variam muito”, explicita Patrícia Reis.

Após essa fase, foi observada a reação dos pequenos em três momentos diferentes. Inicialmente, foi pronunciado às crianças nomes com duração e fonética diferentes; em um segundo momento, nomes de duração semelhante e fonética diferente e, por fim, nomes de duração e fonética semelhantes. “Percebemos que as crianças tiveram maior dificuldade nesta última abordagem pela maior complexidade da tarefa”, diz a pesquisadora.



Ilustração - Ju Guimarães

Olhar revelador

Patrícia Reis conta que antes dos testes, cerca de 80% dos pais afirmavam que a criança não olhava quando era chamada. O que o estudo revelou foi exatamente o contrário. “A nossa cultura não espera que elas olhem com essa idade, por isso os pais não repararam que isso já acontecia”, explica.

A pesquisa mostrou que as crianças chamadas de forma carinhosa pelos pais, como princesa, lindinha, entre outros, olham por mais tempo ao escutarem o seu nome. Para a autora, esse modo de relacionar com o bebê demonstra investimento afetivo na criança, o que amplia a interação entre eles e proporciona melhor resposta da criança em relação ao meio em que vive.

Dar nome à criança durante a gravidez também é importante. As crianças que olharam por mais tempo para o próprio nome receberam o nome ainda na barriga da mãe.

De acordo com a pesquisadora, outra questão que aumenta a percepção da criança e ajuda no seu desenvolvimento é o “manhês”. Ela explica que essa seria uma forma de falar característica das mães quando se dirigem ao filho, caracterizada pelo prolongamento de vogais e aumento da frequência, tornando a fala mais lenta, aguda e musical. Para a pesquisadora, essa forma de falar fortalece o vínculo entre a mãe e o bebê. “Além disso, há evidência que recém-nascidos são capazes de distinguir a língua falada por suas mães durante a gravidez”, completa.

Título: Reconhecimento do próprio nome em bebês de quatro meses de idade

Nível: Mestrado

Autora: Patrícia Reis Ferreira.

Orientadora: Érika Maria Parlato-Oliveira

Coorientadora: Sirley Alves da Silva Carvalho

Programa: Saúde da Criança e do Adolescente

Defesa: 31 de março de 2014

Água e energia: racionalizar para não racionar

Faculdade de Medicina da UFMG realiza campanha para o envolvimento de toda comunidade

Débora Nunes

Foto: Bruna Carvalho



Mural foi construído com dicas individuais e coletivas

Aproveitar a luz do dia para desligar lâmpadas, abrir janelas e evitar o uso do ar-condicionado e ventilador, manter equipamentos eletrônicos em modo de *stand-by* e, quando possível, desligados. Pequenas ações diárias podem ajudar na racionalização do uso de água e energia, especialmente no cenário atual de economia que afeta todo o país.

Desde o começo do ano a Faculdade de Medicina da UFMG trabalha a racionalização do uso de água e energia com o objetivo de conscientizar a comunidade acadêmica e promover ações institucionais, coletivas e individuais que podem contribuir para a economia do recurso.

“A Faculdade, como uma escola pública de ensino que tem um contingente de mais de cinco mil alunos, 300 funcionários e 400 professores, não deve somente ficar ciente da grave situação que enfrentamos agora. Nós temos que ser exemplos”, afirmou o diretor da Faculdade de Medicina da UFMG, Tarcizo Afonso Nunes.

Como parte do conjunto de ações, a Diretoria da Faculdade de Medicina UFMG se reuniu com representantes da área de eficiência energética da Cemig, e convidou a Copasa para apresentação aberta à comunidade acadêmica, com dicas de ações individuais e coletivas para reduzir o consumo de água.

#mudehoje

A primeira fase da campanha foi iniciada nas redes sociais da Faculdade. Junto com a *hashtag* #mudehoje, foram postadas mensagens de reflexão sobre o que as pessoas fazem hoje para mudar o amanhã. Junto com a campanha nas redes sociais, a diretoria e os setores da faculdade se mobilizaram para discutir e implantar ações para racionalizar o uso de água e energia na Unidade. Algumas dessas medidas já foram implantadas, como a redução no uso dos elevadores e desligamento de televisões e luzes no período com menos circulação de pessoas no prédio. Todos os banheiros já foram inspecionados e os vazamentos foram consertados.

Para a recepção de calouros foi lançado o painel “O que você faz hoje, muda o amanhã”, no saguão da Unidade, coberto por post-its coloridos com dicas de economia. Cada pessoa podia levar as dicas consigo, revelando no painel imagens e mensagens sobre o uso consciente de água e energia. Para o professor Tarcizo, é importante lembrar que, mesmo durante os períodos de chuva, tanto as ações institucionais como as individuais são importantes para racionalizar o uso de água e energia. De acordo com ele, as ações dentro da faculdade devem ser estendidas para outros locais. “Mudar a cultura das pessoas é difícil, mas só tem um jeito para sairmos desta situação: racionalizar”, declarou o diretor.

#mudehoje

acesse: medicina.ufmg.br/mudehoje

Toxoplasmose Congênita

Entre os dias 6 e 8 de maio, o Grupo Brasileiro de Toxoplasmose Congênita da UFMG realiza o V Congresso Internacional da Toxoplasmose Congênita, em Belo Horizonte, voltado para profissionais e estudantes interessados no tema. Inscrições e mais informações em: www.toxo2015.com

Quarta da Saúde 2015

O projeto inaugura o ano com a palestra, aberta à comunidade, “Pessoas com deficiência: viver e conviver”. O Quarto será no dia 18 de março, às 12h30, na sala 146, subsolo da Faculdade de Medicina da UFMG. O convidado é o professor Mauro Ivan Salgado, autor do livro “Saúde e espiritualidade”.

Imunodeficiências Primárias

De 20 a 23 de maio, a Faculdade de Medicina recebe, pela primeira vez, o Simpósio Internacional de Imunodeficiências Primárias. Em sua quinta edição, a programação prevê cursos pré-simpósio e conferências com palestrantes nacionais e estrangeiros, além de apresentação de pôsteres. Fique atento para mais informações em medicina.ufmg.br.

